TURISMO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: MULTITERRITORIALIDADES E DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS

Luciano Muniz Abreu
PPGAU/UFF e DAU/UFRRJ | luciano_abreu@id.uff.br

Reflexo da síntese das relações entre a sociedade e a natureza, o espaço geográfico pode ser definido como o local onde a vida acontece (Santos, 1979), perfazendo um sistema de objetos (o próprio espaço natural e os objetos produzidos socialmente) e um sistema de ações (do homem com relação ao sistema de objetos e às relações sociais). O espaço é, portanto, produzido socialmente. Neste processo, sob a ótica capitalista, pode-se dizer que o espaço urbano é fruto de lutas travadas nos campos econômico, político, social, cultural, ideológico etc. entre grupos sociais pelo usufruto dos benefícios que a cidade possibilitam à vida em coletividade e pelas garantias de desenvolvimento de uma vida digna e plena em um espaço compartilhado por muitos.

Os avanços e recuos nesta luta reverberam na forma como o espaço é (re)produzido e como as relações sociais também se reproduzem dentro das condições dadas. Resulta, assim que a forma da cidade (sua organização espacial) e o modelo de vida nela impresso são reflexos do modo de produção e modos de agir dos grupos sociais dominantes em determinada época e lugar.

O turismo, por sua vez, é uma das práticas socioespaciais mais relevantes na contemporaneidade, fazendo significativo uso do espaço urbano e estabelecendo demarcações inequívocas de territórios, produzindo, portanto, territorialidades. Dados da Organização Mundial do Turismo apontam que a atividade movimentou internacionalmente, no ano de 2022, aproximadamente 604.500.000.000 de pessoas e em 2023 teve uma receita estimada superior a US$ 1,4 trilhão (ONU News, 2023). Trata-se de um fenômeno de contornos urbanos (Abreu, 2010) que exige infraestrutura de deslocamento e acesso, permanência e suporte, bem como produtos que englobam desde a apreciação da natureza a opções de diversão e lazer, requerendo, portanto, uma infinidade de adaptações e transformações espaciais no meio urbano para que ele aconteça e contribuindo ainda mais para o esgarçamento das disputas urbanas.

Há que se considerar que esta luta - (re)produção espacial e (re)produção das relações sociais - dentro da lógica capitalista, se dá sob bases desiguais e injustas, quando uma minoria

acumula grande poder econômico e, por conseguinte, político, tendo em suas mãos o poder de estabelecer as pautas que lhe interessam frente à coletividade e de determinar ou impor as regras do jogo da luta, incluindo a ideologia hegemônica. Por outro lado, há uma imensa maioria que, despossuída dos meios econômicos, vê-se, por isso também, impedida de acessar os mecanismos (materiais e imateriais) de contestação do *status quo* e de luta por seus direitos.

Impõe-se, assim, uma relação de dominação-subordinação na produção e uso dos espaços e no valor a eles atribuídos. Enquanto os grupos dominantes priorizam o valor de troca do espaço, imprimindo a lógica capitalista em tudo que tocam, os grupos dos despossuídos se veem impossibilitados de usufruir de grande parte do espaço e da vida produzida na cidade, sendo, não raras vezes, destituídos de seus próprios espaços.

Se, por um lado, a urbanização e a reorganização espacial são elementos importantes do processo de acumulação e reprodução do capital (Harvey, 2005), por outro, elas são condicionantes para o desenvolvimento da atividade turística. Não à toa, há grande interesse por parte dos grupos econômicos hegemônicos, sobretudo daqueles com braços no mercado imobiliário, nos projetos de expansão e revitalização de áreas urbanas, incluindo aqueles relacionados ao turismo e ao imobiliário (Abreu, 2010).

Neste sentido, as transformações espaciais em função do turismo estão perfeitamente associados aos interesses capitalistas, apresentando-se como um nova fronteira do processo de valorização, expansão e acumulação do capital, de tal modo que o desenvolvimento do turismo, no urbano, se dá mediante à transformação espacial dentro de espaços já consolidados, criando territórios de usos específicos - os chamados territórios turísticos. Padilha (2018) chama atenção para a existência de sobreposições territoriais em um mesmo espaço, formando as multiterritorialidades. Nem sempre a constituição das multiterritorialidades, entretanto, permite o convívio amigável, dada a diferença de interesses dos grupos que se apropriam do espaço em suas relações de força e poder que, em muitos casos, culminam em processos de espoliação e expropriação tão característicos da produção capitalista do espaço, conforme apontado por Harvey (2005).

Esta Sessão Livre – *Turismo e produção do espaço urbano: multiterritorialidades e dinâmicas socioespaciais* - tem por objetivo discutir as relações entre turismo, produção capitalista do espaço e os conflitos produzidos pela sobreposição de distintas territorialidades numa perspectiva de se pensar ideias para políticas e práticas para o planejamento do território a partir de cinco trabalhos desenvolvidos por pesquisadores vinculados a quatro instituições federais de ensino e pesquisa, de dois diferentes estados e duas macrorregiões brasileiras.

O primeiro trabalho trata das transformações espaciais na central da capital pernambucana em que se sobrepõem dinâmicas habitacionais e as territorialidades turísticas. A segunda palestra volta-se à capital fluminense discutindo a representação comunitária, sua territorialidade e identidade frente às iniciativas de turismo de base comunitária a partir dos museus de periferias. Na palestra três analisa-se a produção do espaço em função do turismo

em Armação dos Búzios na Costa do Sol Fluminense, apontando a sobreposição das múltiplas territorialidades e os processos de desterritorialização e despossessão decorrentes da urbanização turística. O quarto trabalho aborda as multiterritorialidades urbanas a partir da atuação das plataformas de hospedagem. Por fim, a palestra cinco apresenta uma abordagem na macro escala a respeito das relações entre a atividade turística e os regimes de acumulação capitalista com reflexos diretos na produção do espaço e das territorialidades nos lugares turísticos.

Mais do que a apresentação de estudos a respeito da complexa relação entre turismo e produção do espaço, esta Sessão busca contribuir para o avanço das discussões sobre esta relação numa perspectiva de futuro, vislumbrando caminhos mais harmônicos entre as múltiplas territorialidades produzidas e mitigação dos conflitos delas decorrentes.

Referências

ABREU, L. M. Uma "Viagem" de Inclusão: Turismo, Desenvolvimento e Território. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR. (Tese) UFRJ, IPPUR, 2010.

HARVEY, D. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.

PADILHA, M. do N (a). Geografia do Turismo. Rio de Janeiro: CECIERJ, 2018.

ONU News. Turismo internacional deve chegar a 90% dos níveis pré-pandemia em 2023. Portal de Notícias da ONU. https://news.un.org/pt/story/2023/12/1825097#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20levantamento,janeiro%20e%20setembro%20de%202023. Acessado nov/2024.

PARA MORAR OU VISITAR? DESAFIOS PARA CONCILIAR A PROMOÇÃO HABITACIONAL COM A DINÂMICA TURÍSTICA NO BAIRRO DO RECIFE

João Paulo da Silva
MDU.UFPE | turismo.joao@gmail.com

Esta proposta visa discutir os desafios para promover a habitação no Bairro do Recife no contexto de uma política de reabilitação urbana para o Centro Histórico da capital pernambucana. Há mais de 25 anos, o Bairro do Recife passou por intervenções significativas de requalificação, transformando a área portuária em um centro turístico e de lazer, com a reforma dos armazéns, a criação da Praça do Marco Zero e a instalação de museus, espaços de eventos e restaurantes, tornando-se palco dos principais megaeventos da cidade, como o Carnaval (LACERDA, 2007). Em paralelo, a chegada do Porto Digital consolidou o bairro como referência em tecnologia e inovação, ocupando imóveis históricos e impulsionando a economia local. Apesar dessas mudanças, a densidade populacional do bairro permanece baixa, com aproximadamente 500 habitantes, segundo o censo de 2022 (IBGE, 2022), e ainda carece de uma oferta consistente de moradias. A recente instalação do Novotel Marina e do Recife Expo Center, que ampliam a vocação turística e de negócios na área, intensifica os questionamentos sobre como conciliar esses interesses com a promoção habitacional. O desafio da reabilitação urbana passa pela compreensão das dinâmicas habitacionais e pela capacidade do espaço público e das políticas urbanas de incorporarem a diversidade social em áreas centrais. Carrion (2014) argumenta que áreas centrais, como ocorre com o Bairro do Recife, acumulam "funções" e "valores históricos" que atraem interesses distintos e, por vezes, conflitantes, como o desenvolvimento habitacional e a expansão turística, constituindo múltiplas territorialidades. Diante desse contexto, a pesquisa propõe investigar até que ponto o bairro pode desenvolver uma vocação para moradia que vá além da comunidade do Pilar, sua principal área residencial. Será que o Bairro do Recife pode atrair novos moradores, incluindo diferentes classes sociais, dispostos a conviver com a intensa dinâmica urbana promovida pelo turismo e por grandes eventos? A pesquisa levanta ainda questões sobre o papel da política pública na oferta de habitação, o potencial de novas tipologias de moradia e a adaptação do espaço urbano para atender tanto a um público local quanto aos turistas e profissionais da tecnologia.

Referências

CARRIÓN, F. Los desafíos actuales en los centros históricos. Seminário Permanente Centro Histórico de la Ciudad de México. Vol. 3. México, D.F.: UNAM. 2014. p. 27 - 37.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LACERDA, N. Intervenções no Bairro do Recife e no seu entorno: indagações sobre a sua legitimidade. Sociedade e Estado, Brasília, v. 22, n. 3, p. 621-646. set./dez. 2007.

MUSEUS DE PERIFERIAS NO RIO DE JANEIRO: TURISMO COMUNITÁRIO, REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

Sergio Moraes Rego Fagerlande
PROURB FAU UFRJ | sfagerlande@fau.ufrj.br

O presente trabalho surgiu de pesquisa sobre favelas do Rio de Janeiro, em que a participação popular nos processos do turismo de base comunitária, em especial através do estudo do Museu de Favela/MUF, localizado no complexo de favelas Cantagalo Pavão Pavãozinho, na Zona Sul do Rio de Janeiro (PINTO; SILVA e LOUREIRO, 2012) trouxe o interesse em entender como é a relação entre museus, turismo de base comunitária (TBC) e questões como representação, identidade e pertencimento (FAGERLANDE, 2023). O desenvolvimento da pesquisa nos trouxe a percepção da importância da participação popular e comunitária tanto em sua busca pela valorização da identidade local, em espaços periféricos em que a tradição e a cultura popular é cada vez mais invisibilizada, como também das possibilidades de geração de renda, que é uma das possibilidades do TBC (BARTHOLO; SANSOLO e BURSZTYN, 2009). A relação entre os moradores e essas questões levaram o trabalho a se aprofundar no mapeamento dos museus comunitários, por vezes chamados de ecomuseus (CHAGAS; ASSUNÇÃO e GLAS, 2014), em diversas áreas da cidade, não mais somente em favelas, mas também em outras áreas periféricas, como quilombos e subúrbios. O entendimento de como essas comunidades tem se relacionado com suas memórias, cultura e história tem sido feito através de visitas locais, entrevistas, além de pesquisa bibliográfica e na internet, buscando entender como esses espaços, algumas vezes físicos, com o Museu da Maré e o Ecomuseu de Santa Cruz, outras vezes museus territoriais ou de percursos, como o Sankofa da Rocinha, o Museu de Favela (MUF), o Instituto dos Pretos Novos (IPN) e o Quilombo Cafundá Astrojilda, entre outros exemplos, tem se estruturado, mantendo a relação com as comunidades locais, além de entender processos de resistência das culturas diversas que eles representam, nas periferias de uma grande cidade como o Rio de Janeiro. A presença desses espaços, assim como os grupos comunitários que participam de suas gestões nos levam a pensar que mesmo sendo poucas experiências, contra hegemônicas, trazem um olhar de luta e resistência, tanto em termos da cultura, muitas vezes ligados a questões de raça, gênero e participação popular, como nos mostram como trazer esse debate para a área acadêmica, reforçando a importância da diversidade nas nossas cidades, em que as periferias devem ser pensadas como lugares de potência, e não somente de carência.

Referências:

BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

CHAGAS, M.; ASSUNÇÃO, P. e GLAS, T. "Museologia social em movimento". Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 41. Dezembro de 2014. Disponível em: https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2618. Acesso set/2023.

FAGERLANDE, S. M. R. Patrimônio das periferias: resgate da história e memória local em museus e na visitação das favelas do Rio de Janeiro. In: ENANPUR 2023. Anais dos Trabalhos. Belo Horizonte: https://anpur.org.br/anais-xxenanpur/ Acesso nov/2024.

PINTO, R. de C. S.; SILVA, C. E. G. da.; LOUREIRO, K. A. S. (Org). Circuito das casas-tela: caminhos de vida no Museu de Favela. Rio de Janeiro: Museu de Favela, 2012.

TURISMO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA COSTA DO SOL FLUMINENSE: SEGUNDAS RESIDÊNCIAS E TURÍSTICO IMOBILIÁRIO EM ARMAÇÃO DOS BÚZIOS

Luciano Muniz Abreu
PPGAU/UFF e DAU/UFRRJ | lmabreu@ufrrj.br

O turismo enquanto principal atividade econômica de diversas localidades tem demonstrado influência direta na produção do espaço e configurado uma forma bastante especifica de urbanização, denominada por alguns autores de urbanização turística. Este processo tem trazido a reboque relevantes impactos de ordem socioespacial, socioeconômico e socioambiental. O presente trabalho tem por objetivo analisar o processo de produção do espaço urbano em Armação dos Búzios/RJ, na região turística fluminense da Costa do Sol. Pretende-se investigar e compreender como tem se dado a configuração espacial urbana no município em função do turismo e do fenômeno das segundas-residências, a partir da disputa pela faixa de orla e das alterações das relações sociais e de produção, que se traduzem em múltiplas territorialidades. Metodologicamente se ampara na revisão da literatura básica sobre a temática da produção capitalista do espaço, do fenômeno das segundas residências, da urbanização turística e seus impactos, constituindo um arcabouço teórico que permita realizar as discussões e interpretações dos levantamentos empíricos. Os achados têm revelado que a produção do espaço em Búzios/RJ tem se dado com a distribuição bastante desigual dos recursos e serviços essenciais, com foco na faixa litorânea do município, em evidente contraste com as demais áreas da cidade, evidenciando ainda que a ocupação desigual do território buziano tem se dado às custas de processos de desterritorialização e despossessão de atividades tradicionais.

AIRBNB E MERCADO DE ALUGUÉIS: PREDOMINÂNCIA E INFLUÊNCIA NO LITORAL SUL DO BRASIL

Josiane Nascimento Andrade
Universidade Federal de Pernambuco | josianenandrade@gmail.com

O neoliberalismo, marcado pela desregulamentação, privatizações e ataques aos direitos trabalhistas, é sustentado pela financeirização, caracterizada pela supremacia do capital fictício sobre o produtivo. Esse modelo prioriza investimentos seguros, mas pouco produtivos, consolidando-se globalmente após a crise financeira de 2008 como uma nova lógica de

organização socioeconômica (Dardot; Laval, 2016). No espaço urbano, o mercado imobiliário assume protagonismo, guiado por especulações financeiras que moldam a produção e o consumo, criando produtos imobiliários associados a tecnologias para maximizar os lucros dos investidores. Nesse cenário, surge o capitalismo de plataforma, exemplificado pelo Airbnb, que, desde 2008, opera em mais de 100 mil localidades ao redor do mundo (Airbnb, 2024). O Airbnb possibilita que anfitriões ofereçam acomodações inteiras ou compartilhadas, alinhando-se à economia do compartilhamento. Contudo, a prática rentista de disponibilizar imóveis inteiros tem se destacado, impulsionada por investidores e grupos imobiliários que gerenciam grandes volumes de propriedades projetadas especificamente para a plataforma (Andrade, Araujo e Cristino, 2024). Plataformas como o Airbnb utilizam o discurso de colaboração para redefinir o capitalismo, promovendo novas formas de exploração. A expansão do capitalismo de plataformas, somada à flexibilidade produtiva, ao consumo orientado por mercadorias e às multiterritorialidades, propiciou a inserção do Airbnb tanto em metrópoles quanto em municípios menores. No Brasil, o predomínio se dá na região litorânea, corroborando o que apontam Gutiérrez e seus colaboradores (2017) sobre a plataforma concentrar seu interesse em localidades de forte atividade turística, a exemplo dos centros históricos e das praias. No mercado de aluguéis, observa-se um contraste entre os domicílios de uso ocasional em pequenos municípios e a utilização do Airbnb em grandes cidades, onde imóveis que poderiam ser destinados a aluguéis de longa duração são redirecionados para a plataforma. Assim, este trabalho investiga como a oferta de imóveis no Airbnb impacta o mercado de aluguéis no litoral Sul do Brasil. A pesquisa adota uma abordagem quantitativa, com dados do IBGE (2010; 2022) sobre domicílios particulares permanentes e do Airdna (2024) sobre anúncios na plataforma, permitindo avaliar a densidade e distribuição dos imóveis listados. Com base na metodologia de Andrade, Araujo e Cristino (2024), espera-se apresentar um panorama da densidade de anúncios na plataforma, identificando como os diferentes municípios litorâneos da Região Sul do Brasil têm absorvido os impactos do Airbnb

no mercado de aluguéis. Busca-se, portanto, entender as tendências de inserção e os impactos da plataforma nos diferentes contextos urbanos observados no recorte.

Referências

AIRBNB. Sobre nós. 2024. Disponível em: https://news.airbnb.com/br/about-us/. Acesso nov/2024.

AIRDNA. Custom vacation rental reports. 2024. Disponível em: https://www.airdna.co/custom-vacation-rental-reports. Acesso nov/2024.

ANDRADE, J. N.; ARAUJO, C. P.; CRISTINO, C. T. Incidência e repercussões do Airbnb: O caso do Rio de Janeiro. Oculum Ensaios. Campinas: PUC Campinas, Vol. 21, e24547, p. 1-20, 2024.

DARDOT, P. LAVAL, C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

GUTIÉRREZ, J. et. al. The eruption of Airbnb in tourist cities: Comparing spatial patterns of hotels and peer-to-peer accommodation in Barcelona. Tourism Management. Londres: Elsevier, Vol. 62, p. 278-291, 2017.

DA CIDADE MARAVILHOSA ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS: UM OLHAR SOBRE A ATIVIDADE TURÍSTICA NO LITORAL BRASILEIRO E SUA RELAÇÃO COM OS REGIMES DE ACUMULAÇÃO CAPITALISTA

Cristina Pereira de Araujo
MDU/UFPE e DAU/UFPE | cristina.pereira@ufpe.br

Essa comunicação tem por objetivo estabelecer uma relação entre os modos de acumulação capitalista e o turismo no litoral brasileiro, a partir de três momentos específicos. Inicia-se com o modo de acumulação fordista onde se observa uma fase ainda muito incipiente da atividade turística. É desta época a criação da Embratur e a promoção da cidade do Rio de Janeiro como "a cidade maravilhosa". O segundo momento aqui estudado coincide com a transição para o modo de acumulação flexível cuja correspondência ideológica é o neoliberalismo. Nesta fase, reconhecidamente de maior abertura de capital, tem seu ápice nos anos 1990 com o lançamento do PRODETUR/NE como forma de alavancar o desenvolvimento das regiões com potencial turístico pauperizadas pelo endividamento externo produto da transição do regime. Por fim, o terceiro período aqui estudado tem como marco a passagem, ainda em curso, para o ultraliberalismo e que se ancora na revolução digital. O que se observa nesta fase é justamente a 'plataformização' e as tecnologias digitais, com potencialização dos conflitos relativos à sobreposição de territorialidades. No turismo, esse modelo é percebido a partir da inserção do Airbnb que, sob o discurso do compartilhamento, acaba por concentrar o lucro nas mãos de 'jovens' capitalistas.